

AGRESSÃO E AUTOESTIMA: UM ESTUDO PRELIMINAR EM ADOLESCENTES BRASILEIROS

Nilton Soares Formiga

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba. Atualmente é doutorando na mesma universidade e leciona na Universidade Estadual da Paraíba como professor substituto

Alzira Barros da Silva Neta

Amanda Barbosa Cavalcanti Medeiros

Poliana dos Santos Dias

Alunas do Curso de psicologia na Universidade Estadual da Paraíba

Email:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

No âmbito das ciências humanas e sociais reflete-se sobre a condescendência dos indivíduos e instituições em relação a qualidade ética dos grupos sociais e os mecanismos adequados de comunicação, leis, normas de convivência, preservação dos bens comuns válidos. Contudo o que se observa que estas ações têm gerado um aumento da tensão individuo-sociedade, relacionado a desorganização e o desrespeito, humilhando o cidadão e gerando intensas frustrações e descargas agressivas, sendo útil aos componentes da violência moral e física. Para tanto, essa situação aponta em direção de uma necessidade do jovem em organizar seu self, o qual nem sempre se encontra bem integrada à personalidade e a sociedade, contribuindo para compreender a abstração e desenvolvimento de si mesmo acerca dos atributos, capacidades, objetos e atividades que tem e deseja alcançar, capaz de elaborar uma autoestima necessária para lidar com os comportamentos agressivos. O presente trabalho pretende avaliar a relação entre agressão, física e verbal, e a autoestima positiva e negativa em adolescentes.

Palavras-chave: Agressão, auto-estima, adolescentes

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem se encontrando num burburinho humano muito intensidade, seja devido às informações que chegam até nós, as quais coloca-nos em conflitos frente as decisões; estas, por sua vez, nos trazem-nos incertezas relacionadas aos

comportamentos sociais que o ser humano deve responder e apresentar nas suas relações com os objetos e os seres humanos. Essas transformações no tempo e espaço social seguem para além de uma evolução histórica, corresponde ao desenvolvimento do homem e sua instrumentalidade psicossocial, convergindo, quase que no mesmo instante desses acontecimentos, a oposição entre real e imaginário.

Observando esse processo de desenvolvimento, unido aos aspectos da globalização e os ideais pós-modernos, os quais emparelham as necessidades de solucionar tanto a aquisição de conhecimento e compreensão dos fenômenos sociais vigentes quanto amenizar os conflitos da identidade pessoal e social. Ambos são reflexos da condescendência para com os indivíduos e instituições que deveriam preservar a qualidade da evolução ética dos grupos sociais, por intermédio dos mecanismos adequados de comunicação, leis, normas de convivência, preservação dos bens comuns, da memória etc.

Porém, parece ser de comum acordo que toda sociedade, por ser democrática, deve organizar-se a partir de normas, teoricamente, em condições de igualdade para todos (Myers, 1999). Contudo o que se observa são as ações que podem está diametralmente oposta, gerando o aumento da tensão individuo-sociedade, relacionado a desorganização e o desrespeito, humilhando o cidadão e gerando intensas frustrações e descargas agressivas, sendo útil aos componentes da violência moral e física (Formiga, 2002).

Frente a tais questões, é possível encontrar alguns teóricos que afirmam a existência de uma relação positiva entre agressão, violência, condutas antisociais e delitivas (Stephenson, 1990; Formiga, 2002). Esse fato, na concepção de Formiga (2002), corresponde a constante enfatize que a mídia, seja através dos fatos do cotidiano ou sua discussão quanto à relação com condutas e formas de organização social adotadas pelos jovens - por exemplo, formação de *gangs*, criação de jogos de diversão violentos – se deve ao fato do rompimento das normas e institucionais sociais, condição essa que vai desde as balbúrdias em festas, vandalismo ao alto consumo de álcool e fumo etc.

De acordo com Agüero (1998) essas situações permitem pensar a não invariabilidade de um padrão quanto aos comportamentos agressivos e violentos atribuídos, exclusivamente, em função de indicadores sócio-demográficos e de estrutura familiar (Torrente & Rodriguez, 2000). Tampouco se pode justificar que esses comportamentos devem-se, estritamente, da exclusão social ou falta de oportunidades quanto a dispor de bem-estar material (Bengoa, 1996). Segundo Jacinto (1997), os comportamentos agressivos seriam instigados por um estado emocional intenso funcionando seja como um processo interveniente ou guia para essa conduta, podendo ser hostil ou de autodefesa.

Outro aspecto que merece destaque, diz respeito aos jovens, justamente por esses apresentarem características biopsicossociais, que tendem a espontaneidade e passam de forma, “quase” que natural, a ação com maior tendência a descarregar seus impulsos agressivos direta ou indiretamente. O que de fato estes jovens pretendem ao considerar como condição *sine quo non* o processo de mudança nesta fase é a busca da satisfação imediata dos desejos pessoais (Omar & Uribe, 1998). Sendo assim, pensar nos critérios de avaliação, simbolização e linguagem

deste comportamento, é fazer perceber a dimensão do conflito nestes jovens, principalmente, no que se refere à frequência e intensidade entre o pensar e fazer da sua satisfação e realização desta.

Desta forma, partindo dessa perspectiva esses jovens mostram-se vulneráveis e suscetíveis às influências oriundas do meio social, buscando fora do núcleo familiar, aspectos que desejam incorporar à sua realidade pessoal com os quais necessitam lidar e que constituem uma parte do seu *self*, o qual nem sempre se encontra bem integrada à personalidade e a sociedade. Esses jovens no seu processo de desenvolvimento, que para eles é imperceptível, procuram autoafirmar-se, consecutivamente, se identificar, podendo assim, entender a sua rebeldia e revolta através das manifestações agressivas, permeando a abstração que ele mesmo faz e desenvolve de si mesmo acerca dos atributos, capacidades, objetos e atividades que tem e deseja alcançar (González & Ramos, 2000), elaborando uma autoestima necessária capaz de lidar com esse construto. Com isso, o presente trabalho pretende avaliar a relação entre agressão, física e verbal, e a autoestima positiva e negativa em adolescentes.

A AGRESSÃO E SUAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Nas últimas décadas, o fenômeno da agressão no ser humano vem sendo estudado com grande ênfase, no vandalismo, delinquência, falta de respeito pelo privativo e os bens comuns da sociedade, etc.. Esses problemas vêm se tornar, na perspectiva de alguns leigos e teóricos, por um lado, como modelos de auto-afirmação e de contestação nos jovens, por outro de incorporação dos objetos caóticos de identificação, simbologia do grito de desespero, na tentativa, inconsciente ou não, de recuperar algo que foi perdido ou não adquirido durante o processo evolutivo, e que necessita na adolescência por eles.

Porém, essas expressões são na maioria das vezes interpretadas erroneamente, principalmente, por parte dos jovens, transformando a reivindicação em arrogância e “onipotência” incorporada pelos grupos. Tais questões parecem repercutir na mídia, a qual estampa a violência cometida pela juventude numa sociedade cada vez mais global e com perdas da noção de limites e na busca de viver intensamente a emoção e experiências de risco individuais (Formiga, 2002; 2005). De forma geral, parece não ser possível considerar a agressão como, unicamente, proveniente da cultura, mesmo que estas favoreçam a expressão de certos atos “violentos”, por exemplo, o canibalismo ou sacrifício de menores e mulheres, e muito menos, atribuí-lo como aspecto do inato no indivíduo (Myers, 1999).

Mesmo que algumas dessas interpretações, seja psicológica ou social, venham abordar a agressão e direcionar soluções para inibir ou amenizar, substancialmente, esse problema, não se pode deixar de conceituar tal construto, o qual pode ser definido como comportamento, físico ou verbal, que visa fazer mal a alguém (Myers, 1999). Contudo, parece ser que a causa da agressão não seja apenas visto por um único prisma. Apesar das diversas variáveis poderem apontar em direção de explicações quanto a origem e motivo da conduta agressiva no ser humano - as quais podem ir desde as mudanças hormonais, fatores inconscientes, aprendizagem social, modelos ou esquemas mentais, etc. – a maioria de seus determinantes são apresentados a partir de vetores

sociais, pois, independente de assumirem uma identidade com a agressão, eles somente ocorreram na presença, concreta ou simbólica, de outras pessoas, isto é, nas relações psicossociais.

Para Giannetti (1994) a instituição família é um dos componentes geradores de violência, seja devido às transformações pelas quais esta vem passando, seja pelos comportamentos e práticas disciplinares exercidas pelas pessoas que fazem a família capaz de provocarem semelhantes comportamentos entre os filhos. Afinal, a responsável tanto pela transmissão moral, bem como, pelos comportamentos agressivos, devido a aprendizagem e interação social existentes entre os membros dos grupos. Assim, o processo de proteção, característica essencial da família, é de extrema importância, pois é nesse contexto que pais transmitem aos filhos as maneiras de como se comportarem (ver Cole & Cole, 2004). Segundo Wagner, Ferreira e Rodrigues (1998) o fato da família ser importante na formação moral e comportamental dos filhos se dá por existir uma influência promotora do bem estar físico e mental. Por outro lado, tanto o excesso destas práticas quanto à inexistência delas são capazes de prejudicar o comportamento desses jovens, pois o papel dos membros da família é do orientar, a não existência dessa orientação poderá assim, levar o sujeito a agir da forma que ele assimilou e acomodou tal comportamento.

Mas, segundo Freire (1986), numa perspectiva mais entusiasta, a agressão é uma condição inerente à organização do homem em sociedade e depende de sua capacidade adaptativa e dos constantes processos de transformação para manutenção da sociedade num relativo estado de equilíbrio instável, os quais são determinados pelos grupos que detêm o poder sobre a mesma. Formiga (2002; 2005) reflete algo semelhante, ao considerar a identificação endogrupal; para esse autor, quanto mais os jovens se identificam com os grupos de convivência diária, por exemplo, família, familiares, colegas, professores, etc., menor será sua conduta delinqüente, permeadora da agressão. Assim, nenhum grupo gosta de um indivíduo delinqüente ou agressivo, a não ser que para eles tenha algum motivo, que na maioria das vezes reflete a rebeldia (Hurlock, 1979).

Freire (1986) vê então algo positivo na agressividade, uma espécie de ‘negociação’, visando encontrar soluções para conflitos por não se deixar resolver pelo diálogo e pela cooperação. Tal concepção é possível relacionar a encontrada por Coelho Junior (2001) quanto ao comportamento delinqüente, refletindo ao desequilíbrio emocional e relacionamento com os pais, a qual, segundo este autor, existe uma relação positiva. O fato é que devido os jovens estarem em um envolvimento de competição e na intensificação de sua identidade, vindo com isso, criarem normas próprias, eles evitam a ajuda dos adultos, pois é justamente esses adultos que deve ser contestado, não permitindo perceber seus erros e a colaboração dos outros para seu bem estar.

Por exemplo, em um estudo de Sears, Maccoby e Lewin (1957) com 379 mães que tinham filhos de 5 anos de idade, a partir de entrevistas com as mães onde procuravam obter informações acerca do comportamento dos pais em relação às manifestações agressivas das crianças e em relação à intensidade do comportamento agressivo de seus filhos, concluíram que o tipo de comportamento adotado pelos pais em relação às manifestações agressivas de seus filhos para

com eles desempenhava relevante papel no que diz respeito ao comportamento agressivo dos mesmos. Desta forma, pais muito tolerantes com manifestações agressivas de seus filhos, mas também altamente punitivos, possuem filhos mais agressivos que pais poucos tolerantes com manifestações agressivas, mas também pouco punitivas. Finalmente, não se pode esquecer a influência de fatores sociológicos (por exemplo, pobreza, opressão social, desemprego etc.), apesar de contraditórios e insuficientes quanto à explicação da agressão, teoricamente, facilitam o comportamento agressivo (Formiga, 2002).

A AUTO ESTIMA E COMPORTAMENTO AGRESSIVO: QUAL RELAÇÃO?

Para González e Ramos (2000) a autoestima é uma abstração que o indivíduo faz e desenvolve sobre si mesmo e seus atributos, capacidades, objetos e atividades que tem e deseja fazer, constituindo assim, numa idéia que ela tem sobre si; de fato, o sujeito passa a auto-avaliar-se comparando aos demais, tanto em termos individuais quanto sociais. A autoestima é considerada um construto psicológico e de viés personalístico, segundo Myers (1999) tal construto é um subproduto de como as pessoas processam e lembram-se das informações que eles têm sobre si mesma.

Para Martín e Martinez (1997) a autoestima está relacionada com o nível de instrumentalidade da agressão dos sujeitos que apresenta baixa estima. Em suas pesquisas observaram que os sujeitos considerados violentos apresentaram uma média superior quanto à baixa estima do que os que não são violentos, o inverso também é verdadeiro. Tal questão não levou somente a concluir, que a influência do nível da autoestima entre esses jovens se relacionou ao comportamento agressivo, mas que, aqueles que têm baixa estima enfrentam menos os problemas de frente, sempre tende a fugir e negar o que estão passando, bem como, ter um menor controle sobre a situação.

Desta forma, considerar a autoestima e sua explicação sobre o comportamento agressivo é avançar quanto a compreensão do comportamento humano, pois ela é, em tese, um motor motivacional, e se esta for negativa, fará com o sujeito se motive a manifestar comportamentos embasados no que ele pensa de si, da mesma maneira se tem concepções positivas sobre sim.

Os estudos de González e Ramos (2000) sobre autoestima em adolescentes mexicanos mostraram resultados além do esperado. Esses autores encontraram uma relação convergente entre o instrumento que avalia autoestima elaborada por Rosenberg e o criado pelos mesmos autores, considerando duas dimensões de autoestima, a negativa e positiva; os quais apresentam uma perspectiva de como os sujeitos se vêem, e muito mais, revelaram sinais de sintomatologia depressiva e imaginação suicida. Com isso, o presente trabalho, a título de lembrança para o leitor, trata-se de avaliar a relação entre autoestima e agressão.

MÉTODO

Amostra

Participaram deste estudo 80 sujeitos da cidade de Palmas – TO, de ambos os sexos, porém, predominando a participação de mulheres (67%), com idade entre 14 e 21 anos ($M = 17,30$ $DP = 1,73$), sendo a maioria dos alunos solteiros (93,8%) e com renda familiar até 500,00 Reais.

Instrumentos

Os participantes responderam um instrumento composto das seguintes medidas, a saber:

Escala de agressão. Este instrumento, elaborado por Pastorelli, Barbaranelli, Cermak Rozsa e Caprara (1997), trata-se de uma medida avaliativa em relação aos comportamentos agressivos nos adolescentes, distribuídos em duas dimensões, agressão física e verbal; tal medida é composta por vinte itens, a primeira dimensão caracteriza o jovem que apresenta comportamentos instrumentais, já a segunda é mais expressiva. Tal instrumento pretende avaliar o quanto o jovem apresenta uma frequência a agressão no seu cotidiano, para isso, utilizou-se uma escala de resposta com três pontos, tendo os seguintes extremos: **0** = Nunca, **1** = As vezes e **3** = Sempre.

Escala de avaliação da autoestima de Rosenberg. Este instrumento elaborado por Rosenberg (1965) e ampliado por González e Ramos (2000) compreende-se de uma medida com vinte itens, dez deles avalia a autoestima positiva e os outros dez a autoestima negativa. Para respondê-los, a pessoa deve avaliar o seu grau que o mesmo tem quanto ao acordo e desacordo para os enunciados indicados no papel, utilizando assim, uma escala de quatro pontos, com os seguintes extremos: **1** = *Totalmente em desacordo* **7** = *Totalmente em acordo*.

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuíssem para caracterizar os participantes deste estudo (por exemplo, sexo, idade, estado civil, classe social), bem como realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos seus resultados.

Procedimento

Para sua aplicação, inicialmente o responsável pela coleta dos dados visitou a coordenação ou diretoria da instituição de ensino a qual estava realizado estágio supervisionado, falando diretamente com os diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis por cada disciplina, procurando obter sua autorização para ocupar uma aula e aplicar os instrumentos. Uma vez com tal autorização, os estudantes e professores foram contatados. Foram-lhes expostos sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando sua participação voluntária. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula e na coordenação dos professores. Sua tarefa consistiu em apresentar os instrumentos,

solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes.

Assegurou-se a todos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente no seu conjunto. Quanto a aplicação dos instrumentos aos pais, pedia-se aos alunos que levassem para casa um envelope grampeado e pedisse que seus pais respondessem e que no próximo dia seriam entregues, deixando a uma professora que a responsabilidade de receber tal material. No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se à versão 8.0 do pacote estatístico *SPSS para Windows*. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) e efetuadas correlações de Pearson (r).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atendendo ao objetivo geral proposto neste trabalho, o qual foi conhecer a relação entre autoestima e agressão, efetuou-se uma correlação de *pearson* (r). Porém, inicialmente, procurou-se avaliar a relação interna dos construtos, assim, observou-se uma correlação direta entre agressão física e verbal entre esses jovens ($r = 0,48$, $p < 0,01$), isto é, ambos os tipos de agressão avaliam o construto da agressão, demonstrando uma relação positiva, considerando assim, que comportamento agressivo, independente do tipo que possa ser manifestado, caminho paralelamente.

Considerando esses últimos resultados, o jovem é capaz de construir uma autoestima própria, seja negativa ou positiva, porém estas devem está relacionadas negativamente, pois aquele que se acha bom e mostra uma imagem de si agradável e otimista não deve caminhar e muito menos convergir em uma mesma direção, vindo com isso, encontrar uma correlação inversa entre esses construtos ($r = 0,37$, $p < 0,01$). No que diz respeito a relação entre autoestima e agressão, os resultados foram os seguintes: a autoestima negativa relacionou-se positivamente com a agressão verbal ($r = 0,17$, $p < 0,01$) e física ($r = 0,18$, $p < 0,01$), já quanto a autoestima positiva correlacionou-se inversamente com ambas agressões, a verbal ($r = -0,35$, $p < 0,01$) e física ($r = -0,18$, $p < 0,05$) (ver tabela 1).

Um dado adicional é quanto aos fatores de personalidade e sociais, por exemplo, respectivamente, a instabilidade emocional e comportamentos pró-sociais ou altruísticos, considerados por Pastorelli e cols. (1997) como grandes influenciadores do comportamento agressivos em jovens. Observou-se uma relação direta e significativa da agressão física ($r = 0,38$, $p < 0,01$) e a agressão verbal ($r = 0,40$, $p < 0,01$) com a instabilidade emocional; isto é, quanto maior a instabilidade emocional, maior será a agressão física e maior ainda a verbal. Quanto aos comportamentos altruísticos ou pró-sociais o resultado se inverteu: ambas as agressões relacionam-se negativamente com os comportamentos altruísticos. Aqueles jovens que buscam ajudar ou cooperar sem se preocupar com ganhos ou gratificações, fazendo isso, sem saber a quem, apresentou uma relação indireta com a agressão física ($r = -0,20$, $p < 0,01$), bem como, com a agressão verbal ($r = -0,17$, $p < 0,01$). Sendo assim, quanto maior a probabilidade do jovem

se orientado e apresentar comportamentos pró-sociais, menor será, ao considerar esses resultados, a existência dos dois tipos de agressão.

Quanto a relação da autoestima com a instabilidade emocional e o comportamento pró-social, observou-se os seguintes resultados: a autoestima influencia as dimensões sociais e psicológicas nesses jovens, por um lado, a autoestima negativa relacionou-se negativamente com o comportamento pró-social ($r = -0,40$, $p < 0,01$) e positivamente com a instabilidade emocional ($r = -0,15$, $p < 0,01$), por outro lado, a autoestima positiva correlacionou-se com positivamente com o comportamento pró-social ($r = 0,25$, $p < 0,01$) e negativamente com a instabilidade emocional ($r = -0,14$, $p < 0,01$).

Desta forma, considerando esses resultados é possível refletir em m trabalho para a valorização da autoestima em jovens, a qual, por sua vez, não somente facilitará uma adequabilidade e inserção deles em programas sociais, mas também, em uma intervenção no que diz respeito aos fatores emocionais, os quais segundo Pastorelli e cols. (1997) são responsáveis e se concentram em um alto índice de emotividade e impulsividade, características comuns no período de desenvolvimento desses jovens. Investir em programas, os quais participem família e escola, para um comportamento mais eficaz entre os jovens, bem como, na diminuição dos comportamentos agressivos destes, deverá centrar em trabalhos sobre autoestima, capaz de reduzir a ambigüidade comportamental entre o que os jovens fazem para chamar a atenção ou reivindicar direitos para si mesmo.

Ao aderir ao trabalho com a auto-estima fomenta-se neles uma responsabilidade tanto pelos atos quanto pelo pensar nesses atos. Sendo assim, esses resultados permitem concluir que o comportamento humano se manifesta sob várias facetas; no caso da agressão. Esses tipos de comportamento agressivos vêm corroborar o que no cotidiano tem-se acompanhado quanto às reclamações dos pais e professores, relacionados aos jovens. Tal fenômeno não pode ser isolado do desenvolvimento humano, principalmente, diante da formação da imagem que o jovem vem administrando sobre si, isto é, sua autoestima, que por sua vez, além de ser trabalhada no contexto familiar, se apresenta como um contínuo na inserção escolar, sendo assim, necessário ser analisada no ponto de vista educacional também.

A relação encontrada entre agressão e autoestima faz-se refletir numa contribuição em considerar o elemento motivacional, tornado-se uma forma de controle e intervenção no comportamento desses jovens. Ao mesmo tempo em que a agressão é parte natural nos seres humanos, o comportamento altruístico também. Desta forma, promover comportamentos de cooperação trará uma menor intensidade quanto aos comportamentos agressivos, bem como, no desenvolvimento da autoestima.

Desta maneira, a agressividade deve combativa considerando fatores sociais e personalísticos, enfatizando uma relação entre os processos psicológicos, sociais e educacionais. Assim, tal fenômeno demonstrou-se caminhar paralelamente a autoestima, especificamente, a autoestima negativa. Com isso, é possível trabalhar e colaborar com o ser humano numa dimensão pacífica, de forma a colocá-lo em um nível de convivência pró-social e de satisfação, cooperação e na promoção de conceitos sobre si bem mais positivos.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

Agüero, A. J. (1998). El trastorno de conducta en la infancia como precursor del trastorno antisocial del adulto. Estudios de seguimiento a medio y largo plazo. Necesidad de programas preventivos. *Revista Electrónica de Psiquiatría*, 2, 1-9.

Bengoa, J. (1996). Exclusión, droga y delincuencia. Endereço página da WEB: <http://www.congresso.cl/biblioteca/estudios/violencia> (consultado em 15 de Abril de 2001).

Coelho Junior, L. L. (2001). *Uso potencial de drogas em estudantes do ensino médio: Suas correlações com as prioridades axiológicas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia social). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB.

Cole, M. & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed. 4ª edição.

Formiga, N. S. (2002). *Condutas anti-sociais e delitivas: Uma explicação em termos dos valores humanos*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Formiga, N. S. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: Influência dos pares sócio-normativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25, 4, 602-613.

Freedman, J. L.; Carlsmith J. M. & Sears, D. O. (1970). *Social psychology*, Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Freire Costa, J. (1986). *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal Ltda.

Giannetti, E. (1994). *A família como instituição econômica*. Folha de São Paulo. São Paulo, 23 de outubro de 1994.

González, C. F. & Ramos, L. R. (2000). Una evaluación de la escala de autoestima de Rosenberg en adolescentes estudiantes. *La psicología social en México*, 13, 290-296.

Jacinto, L. G. (1997). Agresión. Em: Luis G. Jacinto e Jesús M. C. Ortiz (org.). *Psicología social*. (pp. 139-151). Pirâmide: Madrid.

Martín, M. J. & Martínez, J. M. G. (1997). Violência juvenil. Em: Antonio Martín González e cols. (orgs.), *Comportamientos de riesgo: violencias, practicas sexuales de riesgo y consumo de drogas ilegales en la juventud*. Eutinema: Madrid.

Myers, D. G. (2000). Agressão: Ferindo o seu próximo. Em: *Psicologia social*. (pp. pp.207-230).LTC: Rio de Janeiro.

Omar, A. & Uribe, H. D. (1998). Dimensiones de personalidad y búsqueda de sensaciones. *Psicologia: Teoria, investigação e Prática*, 3, 257-268.

Pastorelli, C.; Barbaranelli, C.; Cermak, I.; Rozsa, S. & Caprara, G. V. (1997). Measuring emotional instability, prosocial behavior and aggression in pré-adolescents: A cross-national study. *Personality and individual differences*, 23 (4), 691-703.

Sears, R. R; Maccoby, E. & Lewin, H. (1954). *Patterns of child rearing*, New York: Harper and Row.

Stephenson, G. F. (1990). *Psicología Social Aplicada*. Em: M. Hewstone; W. Stroebe; J. P. Codol & G. M Stephenson (Org.). *Introducción a la psicología social: Una perspectiva europea*, (p.397-425). Barcelona: Ariel.

Torrentes, G. H. & Rodríguez, G. Á. (2000). Precedentes sociofamiliares de la conducta antisocial. Em: Anastasio Ovejero Bernal, Maria de Lavilla Moral Jiménez e Pep Vivas i Elias (Eds.). *Aplicaciones em psicología social*. Biblioteca Nueva: Madrid.

Wagner, A.; Ferreira, V. S. & Rodrigues, M. I. M. (1998). Estratégias educativas: Uma perspectiva entre pais e filhos. *Revista psicologia argumento*, 17 (23), 37-46.